

# ESTRELAS A LUZIR NA NOITE

Para Luiz Antonio da Silva Peixoto

Carla Appollinario, André Lucas Antunes Dias, Ygor Bittencourt de Andrade, Pablo Gabriel Jorge Alazraqui Fernandes, Gabriel Medeiros Samoré Francisco, Ágatha Barros Dias Pinho, Maria Aparecida e Ohara Sampaio Pereira

LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO, docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, fez sua passagem deste mundo em maio deste ano. Professor querido, deixou marcas profundas nas vidas que tocou com sua generosidade, com seu afeto. Com ele e nele, o pensamento crítico não se dissociava de uma prática sensível - atenta, cuidadosa e acolhedora -, exatamente como tem que ser. Suas interlocuções com Marcuse, Adorno, Horkheimer e Benjamin geraram inquietações e reflexões radicais sobre o mundo em que vivemos que se frutificaram em uma nova geração que, levando adiante seu legado, não paralisa o pensamento ante a catástrofe e a barbárie, pois aprendeu que a esperança não é afeto compassivo, mas motor das transformações necessárias.

Aqui, uma breve, porém potente e vívida, homenagem à sua vida e ao seu trabalho, escrita por sua esposa e ex alunxs da UFJF, em quem a presença de Luiz insistirá como um farol, ou como brilho fulgurante de uma estrela, a *luzir* na noite do mundo.

Como já dizia o Luiz Antonio, inspirado por sua plataforma teórica, uma teoria dura o mesmo tempo que os seus pressupostos. Nesse sentido, a teoria crítica da Escola de Frankfurt permanece atual por sua capacidade de desvendar as formas sutis e de escancarar as formas violentas de dominação nas sociedades contemporâneas, mesmo em contextos marcados por aparente liberdade e democracia. Em tempos de hiperconsumo, manipulação algorítmica, precarização do trabalho e esvaziamento do espaço público, as análises de Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse, Habermas e as do próprio Luiz Antonio, como herdeiro dos primeiros, continuam oferecendo ferramentas poderosas para compreendermos como a razão instrumental, a indústria cultural e a colonização do mundo da vida moldam subjetividades conformistas e obscurecem as possibilidades de emancipação. A crítica frankfurtiana, longe de obsoleta, revela-se essencial para pensarmos a conjuntura atual marcada pela crise das democracias liberais, o avanço do autoritarismo e os desafios éticos colocados pelas novas tecnologias, mantendo vivo o projeto de uma racionalidade verdadeiramente crítica e transformadora.

*Carla Appollinario*

\* \* \*

Que coisa é o tempo! Às vezes me imagino tal qual Baudelaire, procurando a interrupção de seu curso inexorável. Já faz tempo que me pego pensando, engasgo, fecho os olhos e acordo novamente na terrível tempestade que nos carrega. Lembro de suas últimas aulas, Luiz. Ah, como eu queria ter perguntado mais! Você nos alertava, com a elegância que lhe era própria, sobre o cinismo dos falsos líderes que hoje seguem dando marcha à barbárie. Em um mundo totalmente integrado, em que parecemos encarnar tristes Quixotes, você mantinha afiada a navalha da crítica. Para onde vai o mundo? Em qual círculo infernal adentramos? São perguntas que me vêm à mente quando me dirijo a uma escola e não sei o que dizer aos alunos. Futuro? Adorno, Benjamin, Marcuse, e tantos outros que você nos transmitiu as reflexões, já desconfiavam da

crença no futuro. É pelo passado, afinal, que lutamos. Redimir os mortos: tal foi a lição que você nos trouxe, como uma constelação crítica entre tudo aquilo com que, do contrário, jamais teríamos contato. Quando abro um livro, pesa sobre mim uma tradição da qual não tenho o direito de esquecer. Como poderia eu, depois de aprender tudo que aprendi com você, ignorar esse peso? Às vezes, em meus devaneios, formulando fracas ideias, me lembro de suas aulas. O que o Luiz diria sobre essas fracas concepções? Participar de suas aulas era como jogar minhas convicções ao mar. Ao fazer uma pergunta, escolher as palavras certas, o encadeamento correto, uma força estranha me atraía, um desejo de obliterar todas as minhas convicções. Você, com seu olhar provocador e seriedade analítica, sempre estava pronto para despedaçá-las. Acordar pela manhã e ir para o ICH nunca foi tão fácil. Quando a aula acabava, a conversa continuava, com você sempre disposto a ensinar. É por respeito e gratidão que, quando olho pela janela e vejo mais um dia passar, lembro: é tempo de repensar o tempo, de repensar ilusões, de não me render à pseudourgência. Pensar, você já dizia, é um pouco de inspiração; o resto é transpiração. É por você e por aqueles que não se renderam que mantenho a firmeza, mesmo que tudo nos arraste para o desespero.

*André Lucas Antunes Dias*

\* \* \*

Caro Luiz Antonio, jamais vou conseguir expressar tudo o que você representa para mim. Quando cheguei à universidade, ainda com 19 anos, as pessoas sempre me diziam “você tem que fazer aula com o Luiz Antonio Peixoto” e eu ainda não entendia quem era esse professor que era tratado com grande carinho e admiração. No segundo semestre, durante a pandemia, me matriculei em Estética e aí eu pude entender.

A partir dali a admiração foi exponencial. Me apaixonei pela Teoria Crítica e minha vida e tudo aquilo que eu sentia na pele e não sabia dar nome passou a ter um lugar. Minhas angústias e sofrimentos foram canalizados. Sobretudo graças à sua forma de passar o conteúdo. Por conseguir tratar coisas

determinantes em nossas vidas com uma insustentável leveza do ser - que ao mesmo tempo que vinha de uma forma tão didática e simples - era também tão cruel por se tratar da realidade em seu aspecto mais concreto.

Você foi muito mais que um professor pelo qual eu passei. Você me deu um sentido para a vida. Um sentido pelo qual lutar, pelo qual acordar e conseguir seguir adiante. Foram muitos momentos de aprendizado, felicidades, ideias trocadas e clarificações. Esse ano não tem sido nada fácil para mim e um dos momentos em que tive mais êxtase foi quando você me chamou para fazer uma dobradinha em um colóquio na Universidade de Vigo. Apresentamos o trabalho e conseguimos levar o impacto que você sempre causou. Me vi pela primeira vez sendo capaz de causar essa sensação nas pessoas e espero continuar seu legado.

Enquanto eu estiver falando sobre Teoria Crítica, estarei falando de Luiz Antonio da Silva Peixoto.

Como você sempre falava, “*Grande abraço!*”

***Ygor Bittencourt de Andrade***

\* \* \*

Nesse momento, enquanto penso “o que eu diria ao Luiz?” é impossível não fazer a seguinte reflexão: “o que eu estaria fazendo agora se o Luiz não tivesse passado pela minha vida?” E é terrível apenas de imaginar: estaria pedindo meu lugar (para ser inscrito) numa reunião de DCE; certamente filiado oficialmente ao PT; provavelmente iniciando relações com as áreas mais sórdidas dos sindicatos de professores. Estaria sendo apenas mais um burocrata, usando o boné do partido e vendo a política como aquilo que ela de fato se apresenta numa democracia liberal apodrecida: uma carreira, onde você pode ganhar dinheiro. Existe algo que importa mais que isso nesse mundo?

Eu aprendi com você, através daqueles com os quais você aprendeu - Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin - que sim. É necessário continuar se opondo à essa forma de

vida abstrata, adoecida, violenta, decadente... em síntese: moderna.

Seguiremos levando adiante a Teoria Crítica da maneira que você nos ensinou: contra tudo e contra todos.

Obrigado por tudo, Luiz.

*Pablo Gabriel Jorge Alazraqui Fernandes*

\* \* \*

Conheci o Luiz no segundo semestre de 2019. Naquela época, meio relutante e a passos lentos, eu tentava balancear o fascínio pela disciplina de política enquanto ficava meio cabreiro com essa coisa de “politização”, também pensava em trocar de curso, não troquei, pois, em filosofia política me sentia em casa, no terceiro período não troquei de curso pois queria ver a disciplina de Estética. Durante a pandemia, fui atrás do que me interessava na política, já tendo alguma base mais sólida construída pelas aulas do Luiz, topei com um livro da Silvia Federici e ali me decidi de vez quanto aquela coisa de politização. Com o retorno das aulas presenciais, acho que não fiquei nenhum semestre sem participar de algum seminário do Luiz. Hoje pesquiso Adorno na pós-graduação em filosofia, meu trabalho e a minha vida, a vida que me interessa viver, seriam impossíveis sem todas as aulas de teoria crítica do Luiz.

Venho de uma cidade vizinha à Juiz de Fora e fui descobrir há pouco tempo que durante o ensino fundamental e médio um dos professores que me inspiraram a seguir pelo caminho da filosofia e sociologia também havia sido aluno do Luiz na UFJF. É impressionante pensar no impacto do trabalho do Luiz, ainda mais nesse caráter geracional que também fica conosco. Ele nos trouxe até aqui e agora nós levamos o Luiz em toda parte. Às vezes sinto que é muito difícil escrever este tipo de texto, é preciso dizer as palavras enquanto as houver, mas diante de tanta importância, por vezes parece que simplesmente não há palavras. Gostaria de concluir com um trecho que talvez faça justiça:

“Por algum tempo, a Crítica acompanha a Obra, depois a Crítica se desvanece e são os leitores que a acompanham. A viagem pode ser comprida ou curta. Depois os leitores morrem um a um, e a Obra segue sozinha, muito embora outra Crítica e outros Leitores pouco a pouco se ajustem à sua singradura. Depois a Crítica morre outra vez, os Leitores morrem outra vez, e sobre esse rastro de ossos a Obra segue sua viagem rumo à solidão. Aproximar-se dela, navegar em sua esteira é um sinal inequívoco de morte segura, mas outra Crítica e outros Leitores dela se aproximam, incansáveis e implacáveis, e o tempo e a velocidade os devoram. Finalmente a Obra viaja irremediavelmente sozinha na Imensidão. E um dia a Obra morre, como morrem todas as coisas, como se extinguirão o Sol e a Terra, o Sistema Solar e a Galáxia e a mais recôndita memória dos homens” (Roberto Bolaño).

*Gabriel Medeiros Samoré Francisco*

\* \* \*

Entrei na graduação em filosofia muito empolgada. Eu amava a filosofia na escola, finalmente me sentia boa em algo. Mas na faculdade foi diferente, eu gostava um pouco de tudo, mas não gostava muito de nada. Esse pouco foi diminuindo a cada aula. Os dias eram exaustivos, maçantes. Eu não me encaixava ali. Até iniciar as aulas de Estética e Filosofia Política. Luiz foi a pessoa que fez a minha graduação valer a pena, e inúmeras vezes repeti: “a semana está ruim, mas pelo menos tem aula do Luiz”. Em suas aulas descobri o que eu gostava, o que me enchia o peito, qual caminho eu gostaria de seguir, o motivo para estar e continuar ali. A chama da Filosofia se reascendia em mim, nascia a da Teoria Crítica.

Luiz me trouxe amigos. Ficávamos após as aulas para conversar com ele e debater os temas dos textos. Nos unimos pela admiração por ele, pelo sentimento de finalmente achar nosso lugar. E só por isso eu já seria grata, pois sabemos o quanto faz diferença achar conforto longe de casa, principalmente quando o cenário de fundo é o concreto frio e cinza do Instituto de Ciências Humanas. Passamos muitas horas lá.

Sempre que falo do Luiz conto que ele me chamava de Jade; dizia que confundia as pedras preciosas. Eu adorava! Adorava seu senso de humor e o quanto ele ficava feliz com nosso interesse e participação. Era nítida a reciprocidade, as aulas eram dele, mas também aconteciam por causa da gente. Ele nos dava esse espaço, essa voz.

Eu faço o que faço por causa do Luiz. Não seria quem sou se não fossem suas aulas. Simples assim, sem exageros. Luiz abriu meus olhos pra nunca mais fechar, me fez enxergar o que hoje eu acredito, pesquiso, defendo. Resta agradecer, mesmo sabendo que todo agradecimento do mundo ainda não seria suficiente. Te amamos, Luiz. Você faz falta, será pra sempre gigante. Por aqui seguimos, um pouco mais perdidos, mas ainda na luta.

*Ágatha Barros Dias Pinho*

\* \* \*

Nosso saudoso professor se fazia presente todos os dias, nas videoaulas, produzidas naquele tormentoso tempo de pandemia, vencendo o isolamento imposto pelo Coronavírus.. E hoje, vencendo até mesmo a separação definitiva imposta com sua morte recente, precoce, bruta, abrupta, deixando-nos atônitos, órfãos, sedentos pelas suas valiosas lições sobre a teoria crítica da Escola de Frankfurt e a Filosofia Política.

Naqueles tempos, tínhamos a garantia de que apenas uma tela de computador ou celular nos separava, a consoladora esperança de que aquele momento terrível passaria; e nos encontraríamos novamente nas salas de aulas, nos corredores, nos auditórios do ICH, nos muitos ambientes acadêmicos em que o Professor Luiz Peixoto brilhava..

E, de fato, a vida retomou seu curso, na dinamicidade e imprevisibilidade que lhe é peculiar, nos permitindo o feliz reencontro e continuidade das atividades acadêmicas, com a intensidade que Luiz Peixoto imprimia na sua rotina de professor comprometido, dedicado, amante da sua função e consciente do seu valor para o Departamento de Filosofia, para a vida de seus alunos.



Ele se foi, mas deixou-nos um legado imensurável, composto por um precioso material, generosamente ofertado por sua companheira de vida - uma fonte a qual, ávidos, acorremos, para saciar nossa sede de conhecimento, e aliviar nossa saudade do professor amado e respeitado por todos.

Hoje, já não temos mais a outrora esperança de nos encontrarmos no futuro; porém o professor nos deixou com sua obra, suas videoaulas, seus cadernos de anotações, seus textos com trechos marcados por sua mão, por seu olhar e atenção, a nos indicar o caminho das pedras. Legado que honraremos e, dentro de nossas capacidades, daremos continuidade.

Olá, caro Professor. Sigamos em frente.

### *Maria Aparecida*

\* \* \*

Carrego comigo a memória de Luiz Antônio aonde quer que eu vá. Para mim, como para tantos outros, falar da trajetória acadêmica é falar deste professor tão querido que, ao denunciar a barbárie, destruía qualquer certeza existente sob um rigor teórico e uma tranquilidade ímpares. Saía de suas aulas com a angústia de quem vê o trem se aproximar. E justamente por apontar essa verdade, foi ele quem nunca permitiu perder as esperanças, sem jamais precisar dizer.

Já havia lido Theodor Adorno anteriormente, mas foi através das aulas do Luiz que eu realmente comecei a compreender com gradual profundidade o que aquele autor de longos parágrafos queria dizer. Nas suas aulas, cada filósofo era abordado de forma a ser verdadeiramente compreendido, de Kant a Zizek. A chama da Teoria Crítica acendia-se em mim a cada texto trabalhado. Lembro do prazer que era perder-me na leitura de um texto e permanecer perdida até a aula, na qual as coisas faziam mais sentido e as palavras de autores indigestos se preenchiam de significado. Depois das aulas, pacientemente ele respondia toda dúvida e angústia possível de qualquer aluno que sentia-se inspirado por sua exposição. E eram muitos. Notável como ele se importava com seus alunos. Nunca conheci professor com o olhar tão atento.



Apesar do desassossego, do desamparo e da lástima da vida acadêmica, tranquilizo-me quando recordo que nada se perdeu, só permanece vivo de outras formas. Lembro quando entreguei um trabalho de conclusão de curso sob sua orientação, e em meio a meus agradecimentos ele apenas reiterou seu estimo da permanência no caminho das leituras críticas. Espero levar adiante o que tive a sorte de aprender por meio de seu exímio trabalho. Sou grata por tudo. Encaro esse cruzamento na vida acadêmica como uma dádiva. Mais do que nunca, tenho a ciência de sua singularidade. A chama da crítica permanece acesa, sobretudo porque *“somente em nome dos desesperançados nos é dada esperança”*.

***Ohara Sampaio Pereira***